

## AS CASAS NA INGLATERRA MEDIEVAL.

---

O principal traço comum a tôdas as moradias inglêsas da época medieval era a divisão em duas partes: o "hall", ou sala de jantar e de estar, e o "bower", ou câmara, que servia de aposento privado e de dormitório. Entrava-se no "hall" — o maior dos dois cômodos — diretamente de fora, ao passo que para atingir-se o "bower" tinha-se de passar forçosamente pelo "hall". Chaucer, referindo-se à "poor Widow" no "Nun's Priest's Tale" — e referindo-se a ela provavelmente com ironia, uma vez que ela não poderia viver senão em uma cabana miserável de "wattle and daub" (taipa) — traz-nos, contudo, à lembrança a divisão mencionada, quando diz:

"Full sooty was her bower and eke her hall".

O "hall" (aula) foi o ponto central a partir do qual se desenvolveu a casa. Duas das primeiras referências literárias a êle, na Inglaterra, são a descrição do "hall" "Heorot", no "Beowulf", e a menção feita por Beda - o - Venerável. Heorot foi o cenário do encôntro de Beowulf com o monstro Grendel, que deixou, ao lutar para libertar-se, o braço e o ombro em poder de Beowulf. O poema descreve alguns dos fins a que se destinava o "hall": banquetes, festas em que os convivas se reuniam para beber, divertimento, sono, luta dos guerreiros. O "hall" descrito por Beda é o mencionado na parábola narrada por um dos conselheiros do rei Edwin da Nortúmbria, durante o Conselho de 627, realizado para resolver a questão da adoção do cristianismo como religião oficial. A parábola é a do pássaro que, vindo da escuridão de fora, penetra na luz e calor do "hall", para depois perder-se novamente na noite.

"Halls" de madeira, espaçosos, apresentando recessos na parede, foram construídos até o século XII e mesmo depois e, embora nenhum tenha chegado até nós, temos uma reminiscência dêles nos grandes celeiros de madeira que se encontram na maioria das fazendas de construção antiga.

Nas casas maiores, o "hall" não era usado apenas para fins domésticos, mas nele se tratava dos interesses públicos da comunidade. O edifício principal em muitas cidades do interior ainda conserva a antiga denominação de "hall". Era o ponto central da vida da aldeia, onde o "lord" ou o seu re-

presentante mantinha a sua côrte, e de onde se dirigiam as atividades do domínio. Fazia, assim, as vêzes de ponto de contacto entre a comunidade — representada pelo “leader” — e o mundo exterior. Do mesmo modo como o Hall do Palácio Real de Westminster era o centro da vida nacional inglesa, assim também, embora em menor escala, o “hall” da mansão senhorial era importante no seu distrito.

O “hall”, portanto, adquiriu um significado público especial, embora pudesse acontecer que o têrmo se tornasse extensivo a tôda a casa, da qual êle indicava o aposento principal; por êsse motivo o “Guildhall”, o “town-hall” e o “college hall” desempenharam função bem definida na vida de suas respectivas comunidades.

A habitação particular do indivíduo tomava o seu nome do aposento privado, a “câmara” — (“bower”). O nome de aldeia “Havering-at-Bower” refere-se a uma residência real próxima; e um “bur” é mencionado na relação do assassinio de Cynewulf, contida na Crônica Anglo-Saxônica referente ao ano 755.

O nome “domus” era usado em geral, para qualquer espécie de edifício, enquanto que o “hall”, como já foi dito, tinha importância oficial e pública, e o “bower” era o aposento particular. Era neste último que se guardavam, sob a responsabilidade do “camerarius”, ou “chamberlain”, os objetos de valor e o tesouro do proprietário. Daí, o fato de o próprio tesouro passar a ser conhecido como “câmera”. Os londrinos gabavam-se de que a sua cidade era a “Camera regis” — o tesouro, ou a fonte de riqueza, do Rei. Designava-se por “Chamber” o departamento de Estado que administrava a receita real. A palavra, quer referindo-se a habitação, quer referindo-se a tesouro, sempre se relaciona com a idéia expressa em inglês pela palavra “privacy”.

A habitação particular também era chamada “hospitium” ou “inn” (a New Inn em Thames Street, Londres, era a casa da cidade do irmão de Ricardo II, o conde de Huntingdon). Muitas casas conservaram em seus nomes alguma corruptela da palavra “inn”, como no caso de Audly **End**, por exemplo. O significado particular dessa palavra desapareceu, e ela designa apenas uma casa de recreação pública, onde se vendem bebidas.

Costuma-se dizer que a tôrre principal do castelo forneceu o plano essencial para a arquitetura doméstica. Mas a sua função foi, certamente, antes de tudo, militar e, de qualquer maneira, a tôrre só apareceu no século XI, sob a influência normanda. E’ pouco provável que os castelos, ao

começarem a ser construídos em número considerável, servissem de modelo para a construção de um casa do tipo comum.

Geralmente, o modelo era a casa do dono da terra, com os mesmos traços que ela apresentava desde antes da Conquista Normanda. Não era necessariamente grande, mas o “bower” e o “hall” ofereciam possibilidade de desenvolvimento.

A famosa Tapeçaria Bayeux nos oferece uma representação da mansão de Bosham, em Sussex, pertencente ao rei Harold, derrotado e morto por Guilherme da Normandia, em 1066. E’ o exemplo típico das casas maiores do século XI, com o andar superior de madeira, assentado sobre uma base abobadada de pedra, sustentada por pilares. O telhado é de tacos de madeira, e encimado pelo emblema de um dragão, que serve de catavento. O andar superior, espaçoso e sem divisões, tem acesso por uma escada lateral externa. Harold e vários convivas são representados a banquetear-se no “hall”, em cima, quando chega o mensageiro de Guilherme da Normandia.

Numa antiga casa de Boothby Pagnell, em Lincolnshire, construída cerca de 100 anos após a Conquista Normanda, conservam-se os traços essenciais da casa representada na Tapeçaria Bayeux. Os cômodos principais ficam no andar superior e a eles se têm acesso por uma escada externa, apoiada contra a parede. O “hall” ocupa dois terços da construção e o “bower”, o restantes, estando separado do “hall” por uma espessa parede, com uma comunicação. Os aposentos do andar térreo, que se comunicam com o exterior, correspondem aos de cima. Em uma das paredes laterais há uma lareira, de onde o fumo sai por uma chaminé alta e cilíndrica.

A “Norman House” em Christchurch, no Hampshire, é um exemplo do mesmo tipo, sendo, porém, construída dentro dos preceitos do Castelo, que lhe oferecia proteção, assegurando-lhe, ao mesmo tempo, maior probabilidade de conservação do que em outros casos. Nos fins do século XII, já se costumavam construir habitações como dependências dos castelos, e tais casas eram freqüentemente bem espaçosas.

As casas de cidade da época eram mais ou menos do mesmo tipo, mas, sendo o espaço mais restrito, produziu-se — em menor escala, é verdade — o mesmo fenômeno responsável pelos modernos arranhacéus. A fim de economizar terreno, passou-se a construir o dormitório num andar superior, acima do “hall”. E’ mais difícil encontrarem-se casas do século XII bem conservadas nas cidades, uma vez que aí sempre é maior a destruição, motivada por demolição

ou por incêndios; mas existem ainda, em Lincoln e em Bury St. Edmunds, casas de pedra — e morar numa casa de pedra era sinal de considerável riqueza e importância — datando do século XII. Segue-se nessas casas o plano dos três andares, com uma escada interna. — Quando a escada não era interna, o andar térreo se comunicava com um pequeno quintal nos fundos, e aí havia uma escada conduzindo aos andares superiores. Ainda uma vez as considerações de espaço impediam a construção de uma escada externa, como no caso das casas de campo.

Nas casas não havia lugar determinado para a cozinha. E' possível que se cozinhasse no porão, mas, nesse caso, a única saída para o fumo seria a própria porta. O andar térreo era provávelmente utilizado para guardar os mantimentos, e o mais aceitável é que se cozinhasse ou no quintal ou num cômodo à parte, independente da construção principal. Ludlow Castle, no século XIV, possuía uma cozinha independente. A única lareira no "hall" era central, por sôbre um pilar do andar térreo, e o fumo saía por uma abertura no teto. Não há indicação alguma de qualquer chaminé na Tapeçaria Bayeux.

Não eram raras as lareiras na parede, mas estas só se tornaram generalizadas muito mais tarde.

Era excepcional o tipo de casa com a sala de estar e o dormitório no segundo andar. Comumente, os dois cômodos ficavam no andar térreo, embora nas cidades fôsse conveniente, tratando-se de casas de comerciantes, usar o andar térreo como armazém e, possivelmente, como lugar para tratar de negócios. Quando se começou a usar fôrro no aposento principal das casas térreas, o espaço entre o fôrro e telhado passou a ser usado para guardar mantimentos, e nele se entrava subindo por uma escada do tipo das de pedreiro e passando por um alçapão. Dêsse modo, a posição do porão e do "hall" nos dois tipos de casa era, de fato, inversa.

Quando se começaram a construir "halls" com o ascalho ao rés do chão ou muito pouco acima dêle, as acomodações do porão tiveram de ser transferidas para outro lugar qualquer. Os primeiros exemplos dêsse tipo eram divididos, como as igrejas, em nave central e naves laterais, com fileiras de pilares de madeira em cada lado. Tal construção tinha de ser feita diretamente no solo, porque o tipo de dois andares não poderia oferecer o apôio necessário para os pilares. Em Warnford, no Hampshire, há uma casa senhorial de pedra, datando do século XII, que foi talvez sugerida pela enfermaria de algum convento, onde as

naves laterais eram aproveitadas para alojar os doentes, e a nave central ficava livre.

As poucas casas de cidade que chegaram até nós do tipo com dormitório, ou “chamber”, no terceiro andar, “hall” no segundo e porão no andar térreo assemelham-se bastante à torre residencial de um castelo, onde também é necessário economizar espaço, e êsse mesmo plano é usado nos “pele-castles” (tôrres fortificadas) da fronteira anglo-escocesa.

Nas casas medievais primitivas, o dono da casa, sua família e talvez um ou dois hóspedes tinham de participar da mesma “chamber”, ao passo que os demais — os criados, por exemplo, — dormiam no “hall” em bancos, em mesas ou no próprio chão. Só muito mais tarde é que foi possível atender à necessidade de maior reserva individual, embora o número de aposentos independentes já tivesse aumentado consideravelmente no decorrer dos séculos XIV e XV.

Na mansão senhorial dos tempos já mais avançados da Idade Média, a entrada ficava numa das extremidades do “hall”. Possuía às vêzes um pórtico e, em cima dêle, um cômodo. Tinha-se, então, acesso a uma passagem formada por um anteparo de madeira colocado na entrada, e no qual havia duas portas. Acima do teto dessa passagem, que era denominada “the screens”, construía-se freqüentemente uma espécie de balcão, onde ficavam os menestréis ou outros músicos que tocavam durante os banquetes. Na parede oposta ao anteparo havia thês passagens, a do meio dando acesso à cozinha e as laterais, à despensa e à copa. A porta que dava acesso à despensa era provida de um póstigo, para servir as bebidas.

O “hall” era retangular e coberto apenas pelo telhado, sem fôrro, portanto. Era o centro de tôda a vida da casa, o lugar das refeições e dos divertimentos — quando êstes não eram ao ar livre — e o núcleo das atividades da comunidade. Era aí que se reuniam as côrtes locais e para aí se dirigiam os arrendatários quando necessitavam de orientação para o seu trabalho. Na extremidade do “hall” oposta ac que se denominava “the screens” encontrava-se a “high table”, colocada sôbre um estrado não muito alto, o que ainda se encontra nos colégios de Oxford e Cambridge. No próprio “hall” havia ainda, colocadas de comprido e formando o ângulo reto com a mesa principal, as mesas para os de condição inferior, até o mais humilde criado. As janelas ficavam a grande altura, e o alto das paredes era rebocado e pintado com figuras, ao passo que na parte inferior se viam painéis ou, então, a própria pedra nua. Costumava-se cobrir o assoalho com palhinha, que, freqüentemente,

não era removida senão quando já estava bem suja. A lareira ficava geralmente no meio do “hall” e em cima, no telhado, havia um orifício coberto por uma “lanterna” com aberturas para dar saída ao fumo. Mas a lareira central foi sendo gradualmente substituída por lareiras na parede e, desenvolvendo-se o gosto pela decoração, a parede ao redor da lareira foi-se cobrindo de entalhes ou pinturas, enquanto que a parte externa da chaminé (no século XII, altos cilindros, que depois passaram a ser feitos de tijolos moldados de maneira especial) mostrava grande variedade de execução.

No século XV era costume fazer-se com que uma das paredes laterais, em frente a uma das extremidades da “high table”, lançasse uma projeção para fora, formando-se, assim, interiormente, um recesso ao qual se applicava uma janela. Aí se collocava, freqüentemente, uma pequena mesa ou aparador, de onde se podia servir a “high table”. As vezes esse recesso era um grande retângulo, quase um cômodo separado; outras, era dividido em dois andares, com a “chamber” em cima. Podia dar-se o caso de que esta possuísse uma janela dando para o “hall” ou, mesmo uma cabeça grotesca, onde se viam aberturas em lugar dos olhos, das narinas e da bôca. Mais comumente, porém, o recesso era semi-octogonal e sem divisão em dois andares. O telhado de madeira era a principio bastante alto, mas tornou-se, posteriormente, mais baixo. Era muitas vezes magnificamente pintado e dourado, como nos belos exemplos de Westminster Hall e Eltham Palace. O balcão dos músicos, já mencionado, não era uma característica invariável, e o espaço acima do anteparo de madeira era, às vezes, separado do “hall” por uma alta divisão de madeira com pequenas janelas. Era também possível encontrarem-se, na parte conhecida pela denominação de “screens”, armários, recessos na parede e lavatórios de pedra. Todos esses elementos apresentavam grande variedade de decoração.

Próximo à parte posterior da “high table” havia uma porta que levava à passagem de onde se tinha acesso ao porão, e uma escada conduzia à “chamber”, em cima. No caso de haver, na parede, um recesso com janela, a porta ficava entre esta última e a parede, e dava para uma torrinha adjacente ao recso. O porão era abobadado e quando possui janelas, estas eram pequenas e estreitas. A grande “chamber” era bem iluminada, e passou, nos últimos tempos da era medieval, a chamar-se “solar” (“solarium”, o nome “solar” estendeu-se mais tarde a qualquer cômodo superior, próximo ao telhado, — numa igreja, por exemplo). A “chamber” era espaçosa. Tinha, a principio,

a mesma largura que o “hall”, mas foi aumentada posteriormente, de modo que passou a ser construída de maneira a formar uma ala que se projetava do bloco principal da construção. As paredes eram também rebocadas e pintadas. Também se costumavam dependurar nelas “painted cloths”, de tapeçaria. A lareira ficava na parede pegada ao “hall” ou na parede oposta. O telhado, de madeira, era disposto no sentido longitudinal do aposento, formando, pois, ângulo reto com o telhado do “hall”. As aberturas das janelas vinham até o assoalho, e tinham bancos de pedra em cada lado. Mesmo depois do uso do vidro ter suplantado o do chifre nas janelas, estas eram raramente de todo envidraçadas. Apenas o era a parte de cima; a de baixo era fechada por fôlhas de madeira. Conservou-se a viga que separava essas duas partes mesmo depois que a janela inteira começou a ser envidraçada. Essa viga passou a ser um traço normal das janelas maiores do período gótico. A mobília consistia principalmente de uma espécie de bancos (**couches**), que serviam de cadeiras durante o dia e de camas à noite. As numerosas referências a **camas** nos testamentos da época medieval, e mesmo depois, dizem respeito, freqüentemente, a essa espécie de móvel. As camas pròpriamente ditas foram excepcionais até o século XVI.

Embora a descrição feita dê uma idéia geral do assunto, é preciso notar que são poucas as casas medievais sem algum traço individual, o que resulta das exigências do local. Os construtores medievais sabiam aliar a tradição às necessidades práticas.

Nem sempre se encontravam capelas particulares, mesmo em se tratando de casas maiores, pois era necessária uma licença especial do bispo, para que se preservassem os direitos da igreja paroquial. Dessa maneira, não havia, nas plantas, lugar fixo para a capela. Quando se construía uma capela particular, ela fazia parte da própria casa, às vêzes; outras, constituía um prédio independente. Uma característica freqüente nos últimos tempos da éra medieval era a divisão da parte ocidental da capela em dois andares, sendo o superior à altura da “chamber”. Desta se tinha acesso diretamente àquêle, que constituía uma espécie de balcão, usado pelo dono da casa, por sua família, e pelos seus hóspedes. Os criados e os demais usavam o andar inferior.

A necessidade de maior reserva individual começou a tornar-se premente em meados do século XIV. Foi então que se começaram a dividir os dormitórios dos conventos em cubículos, e tal costume se ampliou, passando-se também a construir celas particulares para os velhos e doentes. Este

costume só se estendeu às casas no fim do século, mas a reconstrução de "halls" em grande escala era, nessa época, uma consideração mais importante do que o aumento do número de quartos individuais.

O plano quadrangular, a que se havia chegado em alguns casos por uma série de aumentos, foi adotado freqüentemente para as casas do século XV. Nos colégios, as comunidades do clero secular eram alojadas em aposentos independentes, com um "hall" comum a servir de centro da vida da comunidade, como um refeitório de convento. Merton College, em Oxford (fundado em 1274) e Corpus Christi College, em Cambridge (1352) são exemplos do plano quadrangular, que, no fim da Idade Média, se havia tornado o preferido para as casas maiores, freqüentemente com portões em forma de torre à entrada do quadrângulo. Pode-se apreciar êsse estilo, moderadamente, em Compton Wintnyates, no Warwickshire e, no seu mais alto esplendor, em Hampton Court Palace.

**GEOFFREY WILLE**

Professor de Língua e Literatura Inglesa (U. S. P.).

**B I B L I O G R A F I A :**

- SALZMAN.** — *English Life in The Middle Ages.* Oxford University Press. 1926.
- RICHARDS (J. M.).** — *A Miniature History of the English House.* The Architectural Press. 1938.
- GOTCH (J. A.).** — *The Growth of the English House.* Batsford. 1909.
- TUBBS (Ralph).** — *The Englishmann Builds.* Penguin Books. 1945.
- GARDNER (A. H.).** — *Outline of English Architecture.* Batsford. 1945.
- GLOAG (John).** — *The Englishman's Castle.* Eyre & Spottiswoode. 1944.